



ENTRE FENDAS E NERVURAS : LETRAS PARANAENSES NA ESCRITA DE AUTORIA FEMININA

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira¹

Introdução

A trajetória da literatura de autoria feminina no Brasil, na atualidade, caracteriza-se pela busca de uma identidade própria, de uma escrita e de uma representação mais autêntica e livre. É fator extremamente relevante para compreender a dificuldade das escritoras se firmarem as limitações e restrições impostas pela sociedade machista na qual a mulher sempre figurou como dominada e submetida às vontades do homem. As dificuldades encontradas no campo literário são reflexos das dificuldades encontradas no campo civil, político e cultural como um todo.

As investigações que visam a resgatar textos de autoria de mulheres, que hoje constituem uma das mais produtivas linhas de pesquisa no âmbito dos estudos feministas, têm levantado questões esclarecedoras e pertinentes sobre o sistema de representações operadas pelo construto da história literária. Visto que seus fundamentos estão comprometidos com convicções estéticas ao expressar valores ideológicos explícitos, mantenedores da invisibilidade no cânone, da produção literária procedente de autoria de mulheres. Salienta-se a importância da revisão do discurso crítico, pois é ele responsável, em última análise, pelo estabelecimento de quadros de referência que regulam as condições de recepção de obras dentro de um determinado contexto nacional, vindo a definir o que se entende por boa literatura e, portanto, a determinar que obras constituem a singularidade representativa, discursiva e simbólica, da cultura nacional.

A literatura de autoria feminina, para Constância Duarte², “(...) tem se revelado um campo profícuo, porém, dela ainda é requerida afirmação plena no interior da literatura universal”. Essa cobrança resulta da emergência da perspectiva da diferença, paulatinamente, maior expressão da sensibilidade da mulher sob uma ótica particular, a partir de um sujeito de representação próprio. A visibilidade de tal produção tem se prestado a revelar aspectos de uma intimidade preservada ao

¹ Pós-doutora em Ciência da Literatura. Dr^a em Letras. Professora do Departamento de Letras e Tutora PET-Letras-da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) Guarapuava-Paraná. nincia@unicentro.br
²DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados*, Set. /Dec. 2003, vol. 17, nº 49, p.151 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?>. Acesso em 17 janeiro de 2007.



longo dos séculos da história e propicia a insurgência de um vivido, marcado pelo recato, pelo segredo, pela sutileza ou, mesmo, por um cotidiano enredado em obediência, submissão, acomodação, resistência e/ou afirmação. Na natureza representativa da literatura, está o seu modo de ser, de existir dependente de sua função tanto artística como social em seu caráter documental. O fenômeno literário, tomado como conjunto de elementos interdependentes, que agem em interação, desenvolve-se historicamente dentro de um outro sistema maior, revelando todas as nuances da cultura, recriando aspectos da realidade. Inquestionável, portanto, a contribuição de tais vivências, cujos relatos, através da literatura, são convertidos em documentos escritos e publicados, legados aos vindouros.

O objetivo desse trabalho é, pois, examinar a relação entre literatura e a presença da mulher nas práticas sociais e discursivas de uma cultura que se construiu a partir do androcentrismo, ao criar a imagem negativa do feminino e ao projetá-la como outro.

A (re)descoberta e a (re)avaliação da produção literária de autoria feminina vem fortemente calcada em novos paradigmas de análise, bem como em conceitos alargados de sujeito, literatura e de história, fato que oportuniza a leitoras e leitores o conhecimento tanto de textos atuais como daqueles que foram sufocados por grossas camadas de poeira acumuladas pelo tempo. As bases para a (re)constituição da história da literatura produzida pelas mulheres estão sendo, assim, construídas pelo trabalho aplicado de muitas pesquisadoras, de diferentes instituições do país (e do exterior). Trata-se, na verdade, de um projeto maior que vem sendo realizado a várias mãos e do qual essa investigação é apenas uma parte. Este projeto geral acolhe a descoberta e resgate de textos de autoras paranaenses, procurando sistematizar a atividade da escritora Lindsey Rocha, reservando lugar para o estudo crítico dos contos desta autora.

Em meados da década de 60, as mulheres passam a lutar por um lugar onde não fossem apenas figurantes, pois sua condição até então era única e exclusivamente de objeto maleável, podendo assim ser moldada da forma que fosse mais conveniente para o homem. A partir dessa década, as mulheres começam a se "enxergar" como tal, lutando a partir de então para, enfim, serem atuantes no processo de criação de seu próprio discurso e conseqüentemente da sua própria vida.

A partir do momento que a mulher se reconheceu como mulher e, desse modo diferente do homem, ela assumiu a sua condição feminina e de forma a alguma mostrando preocupação existencial egocêntrica de autoras, mas sim numa tentativa de incorporar um movimento de descoberta da mulher, buscando, assim, a sua identidade feminina. O reconhecimento dessa identidade não traz em seu bojo a oposição a uma condição masculina, mas sim a consciência que o



masculino e o feminino são construções discursivas dentro da cultura. A crítica produzida por meio da literatura feminina é dirigida em distinguir o gênero das construções discursivas, constatando desse modo que nas décadas de 70/80 do século XX, houve um predomínio da inquietação das minorias. Nesse caso específico a das mulheres. Essa distinção é uma questão bastante discutida nas práticas culturais da pós – modernidade, à medida que durante séculos não se tinha essa preocupação: a mulher era retratada na literatura única e exclusivamente pelos homens, desta maneira, mantendo uma ordem/ padrão falocêntrico imposta pelas estruturas sociais.

A partir dessa percepção, abriram-se possibilidades para questionamentos sobre esse mecanismo ideológico de poder, até então silencioso e cômodo na visão patriarcal. A partir destas décadas, a busca da mulher por essa identidade é firmada, e tematizada pela literatura de autoria feminina, na qual a representação do mundo é feita pela ótica feminina, o que difere da autoria masculina, na medida que é a mulher agora que se compõe, repõe e recompõe. A condição da mulher, vivida e transfigurada esteticamente, é um elemento estruturante nesses textos. Não se trata assim de um simples tema literário, mas algo que nutre essa narrativa.

A trajetória da literatura de autoria feminina no Brasil, na atualidade, caracteriza-se pela busca de uma identidade própria, de uma escrita e de uma representação mais autênticas e livres.. É fator extremamente relevante para compreender a dificuldade das escritoras se firmarem as limitações e restrições impostas pela sociedade machista na qual a mulher sempre figurou como dominada e submetida às vontades do homem. As dificuldades encontradas no campo literário são reflexos das dificuldades encontradas no campo civil, político e cultural como um todo.

Segundo Gomes³ (2009),

As pesquisas sobre a produção feminina, campo em que se situa o nosso trabalho, objetivam dar visibilidade e voz à historicidade das mulheres. Desenham, à luz da história das mentalidades e da história do social, uma história de olhares situados (marcados por muitos *lugares*: gênero, raça, classe, orientação sexual, geografia, etc). A perspectiva feminista concebe a construção do objeto a partir da politização do lugar de enunciação, preocupando-se em traçar uma história cultural dos espaços e das identidades femininas, assim como das modalidades de relações entre os sexos sociais.

Um fenômeno social está inserido em determinadas práticas, portanto, para analisá-lo, é necessário determinar as características nas diversas etapas históricas do desenvolvimento da vida em sociedade, ressaltando suas mudanças. Nesse sentido, a história da trajetória feminina não pode ser entendida como uma sucessão de fatos no tempo, mas como o modo que a sociedade, em determinadas condições, cria os meios e as formas de existência social, política, econômica e

³ GOMES, Simone Caputo. “Literopintar Cabo Ver de: a criação de autoria feminina” *Revista Crioula* – nº 3 – maio de 2008. Disponível em:< <http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/03/Artigo%20Mestre%20-%20Profa.%20Dra.%20Simone%20Caputo%20Gomes.pdf>>. Acesso em 2 de novembro de 2009



cultural. A reflexão sobre a escrita de autoria feminina remete ao processo histórico que a produz, como fenômeno cultural, bem como as relações de poder no confronto de interesses que ocorrem na sociedade e que irão influenciar em seus significados. Dessa forma, é preciso refletir sobre o passado para que se possa compreender o presente.

Na formação da sociedade paranaense, pode-se visualizar traços culturais variados e distintos que se mesclaram e deixaram marcas no comportamento provinciano e conservador de seu povo, especialmente, quanto se refere à conduta feminina. O comportamento da mulher paranaense, conforme o lugar que ocupa dentro dessa sociedade, é permeado de regras e traços de uma sociedade agrária, que exige um comportamento recatado e doméstico próprio dos costumes da vida nas fazendas, regras que estão enraizadas não só na classe dominante, mas que também orientam o comportamento das famílias de classe alta e média, as quais exigem que a mulher tenha uma "boa formação": escolas religiosas e façam um casamento com bons partidos. Mas, na realidade, sob o manto da permissividade ou do respeito a todas as expressões individuais e coletivas, está um Paraná austero, conservador em suas práticas políticas e sociais, um estado vigilante de seu código patriarcal. Talvez, por toda essa atmosfera, recrudescam e se perpetuem as regras patriarcais que regiam o comportamento da mulher no século passado.

Apesar das conquistas e de significarem mais de 44% do mercado de trabalho no Paraná, as mulheres continuam enfrentando obstáculos para a ascensão profissional. O rendimento das mulheres é 42% inferior ao dos homens. As trabalhadoras ainda recebem menos porque se inserem profissionalmente em ocupações de menor remuneração, produtividade e prestígio social. Os segmentos que mais absorvem força de trabalho feminina são os mais desvalorizados no mercado de trabalho e os que tendem a propiciar remunerações mínimas, como o setor de saúde, educação e serviços pessoais, principalmente o emprego doméstico. A entrada de qualquer bandeira feminista foi sempre dificultada por essa mentalidade hegemônica, misto de ideologia agrário-burguesa com a regência da Igreja.

A exclusão histórica da autoria feminina no campo institucional da literatura, em especial no Paraná, foi resultado de práticas culturais que privilegiaram a enunciação do sujeito dominante da cultura, o sujeito masculino. As causas do silêncio envolvendo a história literária da mulher encontram-se nos preconceitos que sempre cercearam a escrita feminina. Os críticos literários do passado, em sua maioria homens de letras, sempre tiveram uma atuação determinante na configuração dos cânones nacionais, através de trabalhos acadêmicos.



No Paraná, entre escritoras reconhecidas e outras que ainda precisam ser descobertas (nascidas ou radicadas aqui), além daquelas já citadas, estão Lindsey Rocha, Greta Benitez, Estrela Leminski, Gloria Kirinus, Assionara Souza, Wael de Oliveira, Marília Kubota, Cláudia Ortiz, Regina Benitez, Adélia Maria Woellner, Sabina Anzuategui, Luci Collin. Contudo, a impressão de que não há escritoras, refere-se, sobretudo, à falta de espaço regular para publicação e na falta de remuneração para o ofício. Entretanto, isso não se restringe a autoras paranaenses.

A escritora, selecionada para a pesquisa, Lindsey Rocha abandona as convenções narrativas, para adotar a complexidade da multipercepção. Em geral, essa temática se concentra em contos que questionam as relações de gênero, buscando soluções para impasses existentes. O tom de suas narrativas concentra-se no íntimo, possibilitando a revelação dos segredos da identidade feminina e no cotidiano da mulher.

Entre fendas e nervuras: as letras e o silêncio

Lindsey Rocha nasceu em Curitiba, em 1977. Dedicou-se ao estudo das artes cênicas e plásticas. Leciona Língua Portuguesa e Literatura. É autora do livro *Nervuras do silêncio* (Editora 7Letras). Mantém o blog “Nervuras” (<http://nervuras.blogspot.com>) “ De asa e de meia” (<http://deasaedemeia.blogspot.com>). A autora tem grande parte de sua produção “publicada” na rede de computadores⁴, uma forma de interagir e dialogar, em um vasto campo investigativo que pode transitar por áreas e teorias distintas. Dessa forma, utiliza-se da intermedialidade propiciando um deslocamento nas formas tradicionais de análise e produção de sentido, abrindo caminhos para um mundo de novas possibilidades de construção coletiva da subjetividade.

A literatura, atualmente, dialoga com outras esferas da mídia, essa apropriação de novos recursos dos textos literários lança novas práticas que fogem ao rigor imposto pelos gêneros literários canônicos, ou seja, uma prática tradicionalmente fundamentada na cultura do livro. Flora Süssekind⁵ afirma que a ficção brasileira contemporânea apresenta, “[...] um traço que bastante característico: o diálogo entre forma literária e imagens técnicas, registros sonoros, movimentos, mecânicos, novos processos de impressão”

A escrita de Lindsey Rocha coloca em questão diversos traços vinculados à construção do sujeito moderno: a identidade individual, a importância da experiência pessoal e da sinceridade. Em seu blog, o comentário da experiência cotidiana do tempo presente e a narrativa em si aparecem

⁴ Os contos aqui analisados são encontrados em seu blog “Nervuras”.

⁵ SÜSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 18.



mesclados à ficcionalidade A criação de personagens escamoteia a revelação da intimidade, num exercício de autoficcionalização. Ao mesmo tempo em que a não revelação da identidade do autor pode deixar o leitor em dúvida quanto à veracidade do que é narrado, o anonimato também pode favorecer a sinceridade. Os escritos íntimos virtuais transitam entre o real e o ficcional: “[...] por um lado, a influência do romance na paixão pela invenção narrativa, e, por outro, a do jornalismo, no interesse pela difusão dos fatos e pelo olhar crítico pessoal sobre eles”.⁶ A autora não escreve somente sobre mulheres, e nem precisa, pois, sua obra se insere em um momento que a luta se arrefece e, aos poucos, os critérios tornam-se universais. Ainda assim reconhece que sua forma de narrar, como a de todo escritor, está condicionada por valores, entre eles o sexual não mais determinante que os de espaço geográfico, tempo, entre outros, todos culturais.

Lindsey compõe a harmonia das suas faculdades expressivas entre o contar-se, o contar os “outros” e discursar sobre a arte de escrever, universalizando e traduzindo em arquétipos, problemas subjetivos individuais. Assim, por meio de associações transforma a relação autor/livro/leitor em uma outra que poderíamos esquematizar da seguinte forma: homem/vida/universo.

É relevante destacar que os contos de Rocha refletem a falta de consciência e o fracasso existencial do homem/mulher contemporâneo. Em seus escritos, a recorrência de personagens cujas identidades estão sempre à deriva; sujeitos fragmentados e incapazes de estabelecer uma narrativa coerente do “eu” que confira significado e sentido a sua própria existência. É o que se observa no conto, “Andares”⁷:

andava pelo acostamento. os passos lentos, quase noite. nas árvores, algo de familiar. se chegasse mais perto e colhesse um de seus frutos, sentiria o gosto de estar ali. mas não saía do asfalto - tinha medo de lobisomem. [...] os pés doendo há aproximadamente duas horas. [...] o peito dói. parar é inevitável. o regaço vermelho que se forma indica o caminho. a cada passo, o corpo mais branco[...] . não há forças para levantar. [...] alguns objetos são ocos e estão em cima de pedras de carvão. uma carta da Alemanha. algumas latinhas de chocolate. um caderno de música. o vestido de formatura. um pão de madeira. figurinos. pincéis. a bolsa da vó. máscaras de argila. desenhos de criança. chocalho de bebê. presentes. quando no corpo já não resta sangue, chega, finalmente, ao berço. dorme com a última faísca de vida a lhe queimar a lembrança.⁸

A escrita é fragmentada. Note-se a ausência de letras maiúsculas e o excesso de pontuação no texto, que gira em torno da ausência que o branco da folha sugere. Dessa forma, é pela palavra que a escritora desenvolve a contínua transmutação de significantes, gerando novos sentidos e possibilidades de ser. O texto, uma narrativa lírica, apresenta uma linguagem “rápida”, telegráfica,

⁶ SCHITTINE, Denise. Blog: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 19-21.

⁷ Respeita-se a forma como foram grafadas as palavras e a pontuação.

⁸ ROCHA, Lindsey. “ Andares”. Disponível em: < <http://nervuras.blogspot.com/2009/02/andava-pelo-acostamento.html>> Acesso 27 de outubro de 2009.



apresenta uma procura incessante de dizer o mundo e (re)inventar a linguagem a partir de uma estética e elaboração literária criativa, com sua “pinceladas de poesia”.

Há reflexão de um eu que se presentifica nas linhas da escrita, o lirismo evidencia-se de forma clara e enquanto buscas do sujeito da enunciação. No texto, presença e ausência se mesclam num jogo de palavras. Nota-se, também, uma consciência da fragilidade e dos mistérios frente às vicissitudes da vida.

Observa-se que há um entrelaçamento entre vida e morte, “ desenhos de criança. chocalho de bebê. presentes. quando no corpo já não resta sangue, chega, finalmente, ao berço. dorme com a última faísca de vida a lhe queimar a lembrança”. A autora desvela uma vida que não é adquirida quando se nasce, mas sim, quando esta se realiza. Pode-se perceber que se revela um confronto de uma vida que não é vida e de uma morte que não é morte: morte e vida assumem um caráter dialético. Nesse contexto, a morte é dimensionada como algo que vai além da destruição do corpo: ela é também reflexo de uma vida alienada e pautada no sobreviver.

Na obra de Rocha, é marcante o entrelaçamento de imagens poéticas centradas na questão da identidade/alteridade e na linguagem marcada pelo teor de modernidade e crítica, tal como no texto “A máscara não pode viver sozinha”⁹:

Um anjo mascarado chorou e sorriu. De suas asas brotaram aplausos. Ele chegou com sua mão e percorreu meu ventre e me embrulhou o estômago e me criou fantoche. Os dedos dentro dos lábios - de fantoche à marionete, bailarina, concubina. Minhas pernas costuradas, paturrilhas, sapatilhas. Minha saia de algodão, a palavra de fio preto e a lã do meu cabelo. Ele chegou com sua mão e me inclinou no abismo. E a água transbordou e me livrou do tombo. Ele me afogou porque morri bem antes. Me costurou pra que eu bordasse o palco. Molestou minha platéia inteira. Destruíu do abismo toda a beira. Eco. Não partiu. O corpo entregue em sacrifício mútuo. O sangue enCena pra eu viver em paz.

A memória lírica, no poema, surge enquanto baliza capaz de realizar e resgatar fatos e lembranças passadas, mas sempre organizada de maneira individual, centrada nos artifícios da linguagem, nas modulações de um pensamento que (re)elabora o passado, dando novos sentidos ao ato de lembrar.

O conto “A máscara não pode viver sozinha” distancia-se de convenções formais. A narrativa é engendrada de forma não-linear, a perspectiva múltipla, a representação antimimética e os gêneros literários indefinidos caracterizam sua escrita. É uma literatura formalmente heterogênea que mescla questões sobre as relações entre gênero literário e sexo, linguagem e subjetividade, memória pessoal e popular. A narrativa em questão, atravessa fronteiras, tempo e espaços e encaixa-se no paradigma pós-moderno.

⁹ ROCHA, Lindesey.” A máscara não vive sozinha”. Disponível em: <<http://nervuras.blogspot.com/2008/02/ele-me-afogou.html>> Acesso em 28 de outubro de 2009.



Segundo Horkheimer¹⁰ e Adorno , “[...] o que o indivíduo foi e experimentou no passado é anulado em face daquilo que ele agora é, daquilo que ele agora tem e eventualmente daquilo para o que pode agora ser utilizado”. No conto, “A máscara não pode viver sozinha” parecem ter sido os instantes em que o anjo a empurrou para o abismo, frente ao medo exacerbado e à destruição da culpa, é que ocorre a possibilidade de vida autodeterminada e consciente.

A narrativa de Lindsey Rocha em “ exatamente assim numa tarde de sexta” retoma as formas simples, centradas no relato, que dilui diante da percepção dos procedimentos narrativos e seus impasses :

um brinde ao frio! não mais aquele derretimento absurdo que gruda no curitibano um riso estrangeiro-ovo. depois da chuvurada dos últimos dias, as árvores do passeio público exibem nos troncos reflexos do lago. ensolarada, finjo que as águas são limpas [...] ignoro cheiros em prol da cor e vice versa. ali: o bailarino do teatro guaíra exhibe suas pernas-troncos. uma brancura lúdica. corre. nervuras atléticas no pescoço. disciplina macaqueada ao sol. [...] vejo o cara no banquinho. penso em como terminá-la, com qual pestana começá-la e vejo o cara no banquinho. all star azul combinando com o meu preto de cano alto. um livro na mão. laços de família. clarice lispector. olho. olho. olho. há uma árvore sobre nossas cabeças de sombra tão frutífera que o amor jamais ousaria esquecer.¹¹

A narrativa de Lindsey Rocha mostra-se um cuidadoso trabalho com as palavras, que resulta em imagens e associações inusitadas e originais, responsáveis pela criação de novos universos significativos.

É possível visualizar nas narrativas analisadas um constante questionamento das fronteiras tradicionais dos gêneros literários. A sonoridade e ritmo introduzidos na linguagem pela produção literária feminina funcionam como uma deliberada transgressão de regras lingüísticas da linguagem canônica.

3 Conclusão

A narrativa contemporânea deve contemplar as vozes que foram excluídas e que não detinham poder político nem ideológico na modernidade. A atual postura implica desenhar uma narrativa não-linear que dê conta dessas simultaneidades, descontinuidades, rupturas, descompassos históricos, e que possa explicitar as condições externas de produção.

Não se trata mais de buscar elementos que tragam uma recorrência a preconceitos e apontá-los como exemplos do que não deve ser resgatado na literatura e outras formas de discursos sociais.

¹⁰ HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. (1944). *Dialética do esclarecimento*; fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 254p.

¹¹ _____ “ exatamente assim numa sexta feira”. Disponível em: <<http://nervuras.blogspot.com/2007/05/exatamente-assyim-numa-tarde-de-sexta.html?>>. Acesso em 3 de outubro de 2009,



Lindsey Rocha é mulher do século XXI, independente e inserida (ainda que em editora pequena) num espaço majoritariamente masculino.

O que se observa na escrita de Lindsey é que há uma procura em criar um espaço dentro do universo da Literatura, em que a mulher expresse a sua sensibilidade a partir de um ponto de vista e de um sujeito de representação próprios, que constituem um olhar da diferença. Esse discurso feminino assume-se como tal. A construção da identidade feminina passa, indiscutivelmente, pelo recalque do universo masculino, pela diferenciação sexual e por um discurso da diferença.

A escrita de autoria feminina fortaleceu-se ao longo dos dois últimos séculos, o que se deve, sobretudo, à constante reivindicação por parte da mulher ao direito à fala e à diferença. As experiências do homem e da mulher são diferentes, mas a língua é comum. Então o que as escritoras pretendem é criar espaços onde a voz feminina possa ser ouvida com a mesma intensidade que a masculina. Na obra de Rocha, nota-se a existência de uma percepção da realidade que se estende a vários sentidos: o tato, o olfato, a visão, a audição, o gosto, o que expressa uma escrita do corpo a partir do interior. A linguagem permite a essa escritora testemunhar essa captação da vida, através de adjetivos táteis, verbos sensitivos, de toda uma sensualidade feminina. Nos textos analisados, pode-se encontrar uma perspectiva feminina do mundo, em termos de construção da narrativa, de estrutura, sintaxe, semântica e ritmo. O corte com a ordem temporal, assim como com a ordem patriarcal, são pontos característicos na obra da escritora.

A diferença entre o feminino e o masculino implica mais uma construção cultural e não tanto uma diferença biológica. O gênero refere-se ao complexo social, político, econômico e às relações psicológicas entre o homem e a mulher na sociedade. Assim, faz parte da estrutura social e está institucionalizado na sociedade. O que se pode concluir é que a escrita não é uma questão de gênero ou de sexo, mas, antes, de uma diferente percepção e/ou organização do mundo e da sociedade. Para Michelle Perrot¹² (...) “os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com o seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória”.

A autora aponta dificuldades de mulheres se expressarem sobre suas ações e, sobretudo, de falarem de si, de dizerem EU devido à educação que inculcou nelas o esquecimento de si para doarem-se principalmente, ao esposo e aos filhos. O masculino ligado às noções de exterior, público e formal; o feminino, por sua vez, usualmente associado às noções de interior, privado e informal.

¹² PERROT, Michelle. “Práticas da Memória Feminina”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 8, n. 18, ago/set.1989, p. 9-18.



Vale lembrar que, quando se interroga se existe ou não um “eu” ou um “nós” por trás de ações/construções, não se está a eliminar ou apagar o sujeito; mas apenas a interrogar as condições em que o discurso é produzido e sob as quais opera. Sabemos que a forma como o sujeito é reiterativamente interpelado pelas instituições e autoridades determina, delimita, e alicerça aquilo que é considerado humano. Entretanto, o humano jamais é produzido em contraposição pelo não humano, mas sim pelas exclusões e pelos apagamentos – ou seja, a partir de tudo o que não é articulado culturalmente.

Assim, a realização de pesquisas que enfoquem a escrita de autoria feminina é útil e pertinente, quando se sabe que os valores em que se baseiam os padrões de qualidade literária têm sido predominantemente masculinos, e que as próprias teorias narrativas estão enraizadas na leitura de textos escritos por homens. Portanto, é fundamental uma intervenção sob o viés de gênero. Contudo, a “escritura feminina” pode se constituir em um risco, quando se sugere que mulher escritora é monolítica, que pode ser representada de forma homogênea. A realidade mostra que a escrita de autoria feminina é múltipla, diversa e heterogênea. O perigo é de que uma visão homogeneizante apague as diferenças e as especificidades locais e culturais de raça, etnia, classe social e orientação sexual.

Bibliografia

DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados*, Set. /Dec. 2003, vol. 17, nº 49, p.151-72. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?>. Acesso em 17 janeiro de 2007.

GOMES, Simone Caputo. “Literopintar Cabo Ver de: a criação de autoria feminina” *Revista Crioula* – nº 3 – maio de 2008. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/03/Artigo%20Mestre%20-%20Profa.%20Dra.%20Simone%20Caputo%20Gomes.pdf>>. Acesso em 2 de novembro de 2009

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. (1944). *Dialética do esclarecimento*; fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 254p.

PERROT, Michelle. “Práticas da Memória Feminina”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 8, n. 18, ago/set.1989, p. 9-18

ROCHA, Lindsey. “ Andares”. Disponível em: < <http://nervuras.blogspot.com/2009/02/andava-pelo-acostamento.html>> Acesso 27 de outubro de 2009.

_____ “ A máscara não vive sozinha”. Disponível em: <<http://nervuras.blogspot.com/2008/02/ele-me-afogou.html>> Acesso em 28 de outubro de 2009.



_____ “ exatamente assim numa sexta feira”. Disponível em:
<<http://nervuras.blogspot.com/2007/05/exatamente-assim-numa-tarde-de-sexta.html?>. Acesso em 3
de outubro de 2009,

SCHITTINE, Denise. Blog: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 19-21.

SÜSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 18.